

QUARTO DE DESPEJO: ESCRITA E AUTORA MARGINALIZADAS

QUARTO DE DESPEJO: MARGINALIZED WRITING AND AUTHOR

Cleideni Alves do Nascimento¹
Marly Catarina Soares²

RESUMO: O presente estudo apresenta uma análise da obra *Quarto de Despejo* da escritora Carolina Maria de Jesus com o intuito de avaliar a construção do seu diário e, principalmente, a elaboração da sua escrita como uma representação identitária autoral autêntica. Para tanto, essa análise se fundamenta no conceito de voz autoral proposto por Alfred Alvarez, considerando o valor literário da escrita da autora de acordo com sua trajetória enquanto leitora e escritora no processo de construção da sua própria voz autoral, assim como nos pressupostos de Philippe Lejeune, que trata sobre o diário como uma forma de escrita autobiográfica. Embora a escrita de Carolina se distancie do padrão literário defendido pelo cânone, a expressividade da sua escrita e seu talento narrativo tem conquistado a atenção de muitos leitores ao longo do tempo.

Palavras-chave: *Quarto de Despejo*; Voz autoral; Escrita identitária.

ABSTRACT: This study presents an analysis of the work *Quarto de Despejo* by the writer Carolina Maria de Jesus in order to evaluate her diary construction and, mainly, her writing elaboration as a representation of an authentic authorial voice. Thus, this analysis is based on Alfred Alvarez's concept about authorial voice, considering the literary value of Carolina's writing according to her way as a reader and writer along the process of building her own authorial voice. Besides, this work is also based on Philippe Lejeune's assumption about autobiographical writing. Although Carolina's writing distances itself from the literary standard advocated by the canon, her writing expressiveness and narrative talent have gotten a lot of readers's attention throughout time.

Keywords: *Quarto de Despejo*; Authorial voice; Identity writing.

1 Mestre pelo Programa em Linguagem, Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Professora do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, Campus X; cleideni_nascimento@yahoo.com.br/clnascimento@uneb.br

2 Profª Drª do Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade da UEPG; marlycs@yahoo.com.br



Introdução

Quarto de Despejo: o diário de uma favelada (1960) ocupou, no contexto literário brasileiro, um espaço secundário. Do título, provavelmente, o que mais aguçou a curiosidade dos leitores foi a segunda parte: *o diário de uma favelada*. O que uma favelada teria a dizer? Ela teria recurso linguístico para relatar sua própria experiência? O nome do livro, ao mesmo tempo em que desperta a curiosidade, também suscita julgamentos de valor. Primeiro, sabe-se que se trata de um diário, talvez por esse motivo já se atribuiria um valor literário menor à obra. Segundo, quem o escreveu fala de uma posição de desprestígio social e esse motivo já seria suficiente para que muitas pessoas olhassem o livro com descrédito.

O diário como desabafo e denúncia social

O diário é visto por muitos críticos e estudiosos da literatura como um gênero menor. Falar de si através da escrita teria menos valor do que uma obra de escrita ficcional. Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico* (2008), fala sobre as características desse gênero. Na sua avaliação da escrita de diários que vão do século XVIII até a era da *internet*, ele constata que as mudanças foram muitas. Porém, Lejeune aponta algumas características que permanecem invariáveis. A data seria a base do diário, ela pode ser mais ou menos precisa ou espaçada. No entanto, sem a data, ele não passaria de um bloco de notas. Além disso, outros dois traços formais invariáveis seriam a fragmentação e a repetição, pois o diário relata partes descontínuas do cotidiano. O diário de Carolina Maria de Jesus apresenta tais características, sua escrita revela fragmentos de ocorrências datadas que se repetem, contudo, sem seguir uma continuidade dos dias.

Quanto ao conteúdo, depende de sua função. Lejeune acredita que todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a se manter um diário. No que diz respeito à forma, ela é livre, poderia ser: “Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa” (LEJEUNE, 2008, p. 261). O perfil do diarista e as razões que o levam a escrever também são variados. Em comum entre os diaristas haveria apenas o gosto pela escrita e a preocupação com o tempo. Observa-se que a motivação da escrita de



Carolina em *Quarto de Despejo* se revela predominantemente como um desabafo e denúncia social.

Lejeune (2008) diz que, no aspecto sociológico, poderia se traçar um perfil do diarista, pois o diário é mais comum entre as pessoas instruídas, ou que moram em cidades. Outro fator relevante é o número maior de mulheres que escrevem sobre o seu cotidiano em comparação ao número de homens. Em relação ao porquê se escreve um diário, o autor lista alguns motivos. Escrever-se-ia para: conservar a memória; sobreviver; desabafar; conhecer-se; deliberar; resistir; pensar; escrever. Definir e demarcar limites ao diário pode ser arriscado, pois, como um modo de expressão da subjetividade, ele é um todo complexo que não se encaixa em uma forma. “O diário é simplesmente humano. Tem suas forças e fraquezas. E as formas que assume, as funções que preenche são tão variadas que é bem difícil tratá-lo como um todo” (LEJEUNE, 2008, p. 267).

A posição social ocupada por Carolina e as condições nas quais surgiram os seus escritos podem ser um bom exemplo do caráter variado do diário. Ela sendo muito pobre, mulher, negra, mãe solteira, moradora da favela, com pouca escolaridade e tendo como única fonte de renda a venda do lixo coletado dificilmente se encaixaria em algum perfil de escritora diarista. Lejeune (2008) observa que escrever e publicar a narrativa da própria vida continua sendo um privilégio das classes mais abastadas.

Escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O “silêncio” das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres (LEJEUNE, 2008, p. 113).

Carolina quebrou o “silêncio” que parecia natural na cultura dos pobres e falou a partir do mundo e da experiência de vida que conhecia. No entanto, ela poderia romper apenas a primeira barreira que era dominar a escrita. Ela mesma podia falar de si, sem precisar da ajuda de intermediários. Por outro lado, seus escritos permaneceriam desconhecidos, se ela não tivesse conseguido publicá-los. Ter acesso a um meio de publicação, provavelmente, é a barreira mais difícil de ser rompida. Ainda hoje as editoras restringem, escolhem e decidem o que será publicado ou não, sempre considerando os aspectos que vão ao encontro de seus interesses.



Certamente, o encontro que Carolina teve com o jornalista Audálio Dantas foi crucial para que ela se tornasse conhecida. Ele fez um trabalho prévio de divulgação dos seus escritos em jornal e revista como uma forma de propaganda para, na sequência, publicar *Quarto de Despejo*. É claro que Dantas não se esforçaria tanto para conseguir uma editora que publicasse o diário de Carolina, caso não percebesse algum valor expressivo na sua escrita. O mérito de Carolina não está apenas na sua habilidade com a escrita, mas também no seu empenho em buscar a divulgação do seu material. Ela acreditava no valor e na relevância dos seus escritos.

O objetivo de Carolina não era apenas escrever um diário. Ela guardava dezenas de cadernos e papéis avulsos nos quais anotava o seu cotidiano. Além disso, também escrevia histórias, poemas, canções e até peças de teatro que costumava oferecer aos diretores de circos. “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me³: É pena você ser preta” (JESUS, 2007, p. 65). No entanto, o interesse de Dantas era somente no diário, os outros escritos de Carolina foram ignorados e até menosprezados por ele. “O diário tinha uma força de expressão narrativa muito grande, enquanto a poesia era a busca de fazer rima, e terminava na maior parte das vezes em besteira” (DANTAS *apud* LEVINE; MEIHY, 1994, p. 104).

No entanto, o diário, na visão de Carolina, era a parte menos importante de tudo que ela escrevia. Como acreditava-se poetisa, seu maior objetivo era publicar um livro de poemas. Na sua visão, escrever sobre o seu cotidiano miserável não teria valor algum. “Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia escrever o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (JESUS, 2007, p. 29). Esse trecho do diário de Carolina faz parte da entrada do dia 2 de maio de 1958. Nessa época, ela já havia encontrado Dantas e estavam em fase de elaboração do livro. Pode-se perceber nas suas palavras que ela mudou de ideia quanto ao valor do diário.

No prefácio da edição de *Quarto de Despejo* (2007), escrito por Audálio Dantas, ele fala que, no seu trabalho de organização do diário, mexeu apenas na pontuação e na grafia de algumas palavras que poderiam

3 As citações diretas retiradas do livro *Quarto de despejo* respeitam a peculiaridade do texto, ou seja, todos os desvios da norma padrão da língua encontrados nas citações são oriundos do texto original.



levar à incompreensão da leitura. Mas o seu papel na elaboração do diário foi muito além. Os trechos que Dantas selecionou para compor o diário de Carolina foram, em grande parte, escritos depois que eles se conheceram. O diário está dividido entre os relatos dos anos 1955, 1958 e 1959. Há no final do livro uma única entrada do dia 01 de janeiro de 1960, provavelmente, para indicar que a rotina de Carolina continuaria a mesma no ano que se iniciava.

Os relatos de 1955 são os únicos anteriores ao encontro do jornalista com a escritora da favela. No entanto, eles cobrem uma passagem muito breve do cotidiano de Carolina, iniciando-se no dia 15 de julho e encerrando-se no dia 28 do mesmo mês. A segunda parte do diário foi escrita depois que Dantas descobriu Carolina em 1958. Os relatos desse ano se iniciam no dia 2 de maio e vão até dia 31 de dezembro. Essa corresponde à maior parte do diário e também é a que mantém uma maior regularidade na sequência dos dias e dos meses, saltando apenas alguns dias. O ano de 1959 compreende a terceira parte do diário, há um número bem menor de relatos comparada com a segunda. Ela se inicia no dia 01 de janeiro e vai até 31 de dezembro. No entanto, não há regularidade na sequência dos dias e nem dos meses.

Carolina escrevia o que pensava, sem se importar com o certo ou o errado. A censura ficava por conta de Dantas, seu editor. Possivelmente, uma das razões do atrito entre eles pode ter sido a forma como o jornalista a tratava. De certa maneira, ele a via como uma descoberta sua e por isso ela deveria atender a todos os seus pedidos e sugestões. Ela, por sua vez, questionava suas decisões e, muitas vezes, resistia a se comportar como ele queria. Logo depois do grande sucesso de *Quarto de Despejo*, Carolina reclama, em entrevista a um jornal, da manipulação sob a qual estava submetida, dizendo: “triste glória que não me deixa ter vontade própria. Quero ser eu. Fizeram-me desviar de tudo que pretendia quando morava na favela e ansiava deixar o barraco. O que sou agora? Um boneco explorado e me recuso a isso” (JESUS apud LEVINE; MEIHY, 1994, p. 27). Acusada de um gênio difícil e muitas vezes de indócil, Carolina acabou criando muitos desafetos. Ela, porém, queria apenas preservar a sua privacidade e a sua liberdade.

Seria injusto dizer que Carolina escrevia apenas com o intuito de ficar famosa. Escrever tornou-se uma necessidade para ela. Seus motivos



iam além de conseguir o sucesso. Na lista de motivos apresentados por Lejeune sobre por que as pessoas mantêm um diário, quais razões caberiam à Carolina? Analisando a escrita do seu diário, observa-se que ela escrevia como uma forma de desabafo, de denúncia social, de reflexão, de resistência às adversidades e, é claro, pelo seu gosto pela escrita.

O desabafo das suas palavras expressa a lastimável condição de miséria na qual Carolina vivia com seus filhos. Na sua angústia, ela preferia escrever a reclamar da vida para as pessoas. As passagens nas quais ela fala dos sentimentos que a afligiam são as mais tocantes do seu diário. “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (JESUS, 2007, p. 100). O conflito cotidiano apresentado por Carolina em seu diário era de subsistência.

No cotidiano da família, no que diz respeito aos bens materiais, faltava um pouco de tudo. Carolina inicia o diário por um relato que mostra o seu constrangimento em não poder dar à filha, Vera Eunice, o presente por ela desejado no seu aniversário. “Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos” (JESUS, 2007, p. 11). O desabafo de uma mãe que não pode atender aos pedidos de seus filhos caberia a muitas outras mulheres que viviam na mesma situação da escritora. No entanto, a dor mais pungente de Carolina é não poder matar a fome de seus filhos. “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais” (JESUS, 2007, p. 39).

Seu diário servia também para organizar seus pensamentos. Ela tinha uma capacidade admirável de observar as situações da realidade e de refletir sobre elas. Na entrada do dia 13 de maio de 1958, data do aniversário da Abolição da Escravatura, Carolina faz a seguinte reflexão: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2007, p. 32). Ela conseguia perceber que a liberdade também depende de se ter autonomia econômica. O negro dito livre do trabalho escravo acaba por se tornar escravo da sua condição econômica precária após a abolição. O próprio título do livro surgiu de uma reflexão sua ao comparar a cidade e a favela.



Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2007, p. 38).

Carolina reconhece sua condição social extremamente adversa, mas em nenhum momento ela se conforma com isso. Na sua visão, não é porque ela era negra e pobre que deveria ser tratada como um *objeto fora de uso*. A escritora tem consciência do seu valor enquanto ser humano e não se sente inferior em relação aos brancos. Nas suas palavras, ela demonstra a visão de que todas as pessoas são iguais. “O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém” (JESUS, 2007, p. 66).

O exercício da reflexão seria uma das capacidades desenvolvidas pela atividade da leitura. Esse seria um dos aspectos apresentados por Antonio Candido quando ele fala da força humanizadora da literatura. Para Candido (2004, p. 180), a literatura estimula o exercício da reflexão, fazendo com que o indivíduo desenvolva a capacidade de penetrar nos problemas da vida e de perceber a complexidade do mundo e dos seres. Carolina desenvolveu essa capacidade. Sua visão não era apenas da vida na favela. Ela conseguia perceber as diferenças sociais entre as classes e o descaso dos políticos com os menos favorecidos.

Carolina também escrevia como uma forma de resistir às situações desfavoráveis. E esse papel não era apenas da escrita, mas também da leitura. O livro era para ela a melhor invenção do homem (2007, p. 24). O seu hábito de ler e escrever era totalmente estranho para os outros moradores da favela. Eles não conseguiam entender o que uma negra pobre e favelada, assim como eles, encontrava nos livros e na escrita. Talvez, por isso, Carolina fosse tão solitária e tivesse poucos amigos. Ela dizia que preferia ler ou escrever a ficar nas esquinas conversando. Carolina explica, metaforicamente, o que a escrita fazia por ela.

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores



de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2007, p. 60).

A escrita atuava sobre ela como uma forma de esquecimento. A opacidade do seu dia a dia era iluminada pelas luzes radiantes da fantasia.

E, por último, Carolina escrevia porque isso lhe dava prazer. Lejeune (2008) diz que transformar-se em palavras é uma forma de dar continuidade à existência, de deixar um vestígio. “Um caderno no qual nos contamos – ou folhas que mandamos encadernar – é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá. O prazer é ainda maior por ser livre. [...] Pode-se escolher as regras do jogo” (LEJEUNE, 2008, p.264). O diarista não precisa se preocupar se está cometendo erros ou misturando gêneros. Ele é livre para manejar a língua como quiser. Mas isso seria porque, na concepção de Lejeune, o diarista escreveria sem a pretensão de divulgar o seu diário. Ele escreveria somente para si.

Mas, no caso de Carolina, ela escrevia com a pretensão de publicar o seu diário, principalmente, depois do encontro com o jornalista Audálio Dantas. Ao escrever o seu diário, Carolina aproveitava a liberdade que tinha para diversificar a sua escrita. Ela não se limitava a narrar o seu cotidiano. No diário também havia pequenos versos, diálogos, frases que mais pareciam provérbios. Ela, sorratamente, inseriu no diário um pouco dos outros gêneros que produzia. Os versos da poetisa Carolina têm uma semelhança muito grande com os versos rimados da cultura repentista. Eles, geralmente, surgiram da observação de algum aspecto do seu dia, como no exemplo a seguir:

Alguns homens em São Paulo
Andam todos carimbados
Traz um letreiro nas costas
Dizendo onde é empregado
(JESUS, 2007, p. 122).

O diário traz como protagonista uma personagem da vida real. O caráter não ficcional do gênero pode mudar o modo de avaliá-lo em comparação à ficção. Mas isso não privaria o diário de ter um valor literário. A escrita de Carolina resiste ao tempo pela sua capacidade de tocar o leitor, não só pelo conteúdo, mas, principalmente, pela forma como ele é apresentado.



Uma escrita sem prestígio social

Embora a escrita de Carolina se distancie do padrão literário defendido pelo cânone, ela tem a capacidade de prender a atenção do leitor. Observando alguns dos detalhes que caracterizam a escrita de Carolina, busca-se comprovar que, ainda que se trate de uma escrita marginal, ela se configura como uma voz autoral autêntica (ALVAREZ, 2006).

O sucesso estrondoso do lançamento de *Quarto de Despejo* não condiz com o total esquecimento no qual caiu sua autora nos anos seguintes à sua publicação. Consumido como uma novidade momentânea, o diário parece ter servido apenas para saciar a curiosidade daqueles que queriam saber o que uma favelada poderia escrever. Carolina não foi levada a sério como escritora. De modo geral, ela era vista como uma moradora da favela com habilidade um pouco mais apurada para a escrita.

Carolina se considerava uma escritora e buscava ser reconhecida como tal. No entanto, ela não conseguiu se estabelecer e se consolidar como uma escritora legítima da literatura brasileira. Provavelmente, seu pouco prestígio social e suas raízes fincadas na cultura popular foram os principais motivos para que sua escrita fosse menosprezada. Por trás do preconceito contra sua linguagem, escondia-se o preconceito social e racial. “[...], o *preconceito linguístico* não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado *preconceito social*” (BAGNO, 2003, p. 16).

Seria por essa razão que os “erros” de linguagem de uma pessoa de classe econômica baixa se tornam mais evidentes e passíveis de serem ridicularizados. Bagno (2003) diz que o preconceito é proporcional à escala do *prestígio social* e que, quanto menos prestigiado socialmente é um indivíduo, quanto mais baixo ele estiver na pirâmide das classes sociais, mais erros (e *erros* mais “crassos”) os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele. Teria sido por esse motivo que Carolina não conseguiu reconhecimento literário da sua escrita? Embora sua linguagem representasse a expressão autêntica da sua identidade, ao se desviar da norma culta da língua, sua escrita fora vista com desprezo pela crítica. A literariedade da sua obra não teve relevância para a historiografia literária tradicional.

Quarto de Despejo alcançou um grande efeito no público leitor pela atuação simultânea da forma e do conteúdo. Enquanto forma, o livro seria apenas mais um diário. Contudo, diferencia-se pelo tema que é



tratado. Mas o aspecto mais significativo é como esse tema é apresentado. A linguagem que o representa é, sem dúvida, a característica mais marcante do livro, pois é através dela que a subjetividade autoral se revela. Carolina se engendra na sua escrita e se transforma em palavras. Negar valor literário à sua escrita é também negar um espaço autoral para a escritora da favela.

“Por que livros, poemas e até fragmentos continuam sendo lidos durante anos, em alguns casos durante séculos, depois de terem sido escritos, tudo indicando que continuarão a ser lidos, independentemente de quantas vezes a morte da literatura já tenha sido anunciada?” (ALVAREZ, 2006, p. 15). A pertinente questão colocada por Alvarez sobre o misterioso poder de sedução da literatura pode ser explicada pela presença de uma voz autoral. O que o autor chamou de uma presença por trás das palavras seria o encontro do escritor com sua própria voz. Carolina continua sendo lida mesmo depois de passados muitos anos. O leitor continua a dar ouvidos ao que ela tem a dizer.

No longo e árduo caminho para encontrar uma voz própria, o escritor procura primeiro imitar as vozes pelas quais ele se apaixona. Seriam as vozes que ele escuta através da leitura que o ajudariam a dar os primeiros passos como escritor. (ALVAREZ, 2006). No entanto, não são todos os escritores que se pode imitar. Há aqueles que existem simplesmente para estabelecer os padrões que sempre se procura atingir. Aqueles que se podem imitar seriam os que ensinam as lições básicas sobre literatura. Os mestres de Carolina foram os escritores românticos. Sua linguagem era um misto de expressão cultural popular e de discurso erudito, provavelmente, originário das suas leituras. Embora sua voz fosse influenciada por outras vozes, ela ainda preservou uma peculiaridade própria. Carolina fez o que Alvarez (2006) chamou de incorporar vozes. A escritora incorporou outras vozes à sua, mas continuou soando como se fosse sua própria voz.

Carolina é autêntica quando escreve sobre a sua história de vida. Ao utilizar a estrutura da língua padrão e vocábulos eruditos para narrar os acontecimentos da favela, ela demonstra sua percepção da linguagem livresca. E para alcançar um lugar no mundo dos livros, procurou forjar uma linguagem que seguia o padrão literário conhecido por ela. Consciente das diferenças entre a variação escrita e oral da língua, Carolina tinha o cuidado de escrever procurando utilizar a norma culta. No entanto, sua linguagem ressurgiu nova, pois Carolina dá a ela um caráter pessoal. A autora



“customiza” a linguagem repleta de clichês da escrita romântica e a transforma na mais pura expressão da sua subjetividade.

Carolina escrevia com os recursos linguísticos que adquiriu ao longo da sua história de vida. Seu pouco tempo de contato com o ensino formal restringiu seu domínio da norma culta da língua. No seu caso, o que era considerado erro gramatical deveria ser visto como marcas identitárias. Frases como: “Elas *vai* na feira, *cata* cabeça de peixe, tudo que *pode* aproveitar.” (p. 19), ou “Os meus filhos nunca *comeu* bacalhau” (p. 152) são tomadas como exemplos de desvio da norma culta. No entanto, elas revelam um forte traço da oralidade e do próprio contexto social ao qual Carolina pertencia. Percebe-se que, mesmo tendo algum conhecimento da linguagem formal, Carolina se trai quando procura usá-la. Frases como: “Dei-lhes livros para *ele* ler.” (p.150) e “Ablui as crianças, aleitei-as e abluí-me e aleitei-me.” (p.11) mostram, por um lado, a sua preocupação em enfatizar a língua padrão e por outro revelam seu excesso de correção da linguagem.

Há uma forte presença da oralidade em muitos termos utilizados pela escritora. Isso, certamente, se deve à associação que ela fazia da pronúncia das palavras com a escrita. Palavras como: *tussir, iducação, nois, purtuguês, impricou, treis, lumbriga, fidida, viludo, sitim, etc.*, demonstram tal característica. Também é comum o uso de letras que têm os mesmos fonemas e acabam causando dúvida na escrita, como: *cançados, geito, horrorisada, imprecionei, paiz, obseno e obceno* (usa as duas grafias), *mecher, trajédias, organização*. Curiosa também é a forma como Carolina usa o plural de alguns substantivos e adjetivos. Termos como *jornal, animal, eleitoral* e outros com o final *-al*, recebem *-es* para indicar o plural. Ela escreve *jornaes, animaes* e *eleitoraes* quando a desinência seria *-is*. Essa característica do plural utilizada por ela pode ter relação com o plural do português arcaico.

Outra característica da escrita de Carolina é a falta de acentuação de muitos vocábulos. Palavras como: *diário, máquina, açúcar, políticos, miseráveis, interferência, época, ganância*, entre outras, não são acentuadas no texto. Mas o fato de não conhecer as regras de acentuação não a impediu de transmitir a sua mensagem e de se fazer entender. Sabe-se que conhecer as regras da norma culta da língua não é garantia de se ter competência textual. Embora Carolina tenha produzido uma linguagem que



fugia aos padrões ditos corretos, a expressividade do seu texto e sua capacidade narrativa tinham o poder de prender a atenção do leitor.

Ainda que o diário de Carolina seja composto por partes descontínuas do seu cotidiano, é possível compreendê-lo e acompanhar a narrativa de seus dias mesmo sem uma ordem cronológica regular. Vogt diz que isso é possível graças a um recurso de estilo bastante simples, mas eficiente: o da repetição.

Os dias se repetem iguais na monotonia implacável de um dia de todos os dias: levantar cedo, ir buscar água na única torneira que serve a mais de cento e cinquenta barracos iguais ao de Carolina, atender aos filhos, sair para a cidade em busca de papel, de lata, de ferro, sobrecarregar-se com o peso de seu transporte, vender a sucata recolhida nas ruas, comprar os alimentos que serão consumidos no mesmo dia e na proporção exata do pouco dinheiro obtido no trabalho de todo o dia (VOGT, 1983, p. 208).

Não fosse o talento narrativo de Carolina, sua história se resumiria à sequência de atividades diárias apresentadas anteriormente. No entanto, a escritora da favela lançava um olhar literário para o seu cotidiano. Um olhar poético que conseguia transmitir beleza até mesmo para as situações mais difíceis, como se pode observar no expressivo relato que se segue:

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fabrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (JESUS, 2007, p. 55).

A riqueza da escrita de Carolina está na variedade de micro-narrativas apresentadas ao longo do diário. Ela não falava apenas das suas agruras cotidianas. Suas observações e reflexões se estendiam a muitas outras situações. Em algumas, ela atuava como narradora-personagem; em outras, apenas como narradora-observadora. Carolina contava sobre a sua vida e de seus filhos, dos outros moradores da favela, dos comerciantes, das pessoas da cidade, dos políticos, enfim, tudo o que acontecia ao seu redor se transformava em matéria-prima para compor seu diário.



Sua linguagem poética ao estilo romântico contrasta com a crueza da realidade miserável da favela. Muitas vezes, a escritora quebra a expectativa do leitor quando inicia a narrativa de algum fato com linguagem poética e na sequência apresenta um duro aspecto da realidade. “[...] Surgiu a noite. As estrelas estão ocultas. O barraco está cheio de pernilongos. Eu vou acender uma folha de jornal e passar pelas paredes. É assim que os favelados matam mosquitos” (JESUS, 2007, p. 31). “Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade” (JESUS, 2007, p. 36).

Nesses dois trechos anteriores, percebe-se que Carolina cria uma imagem de harmonia e beleza inicialmente para depois contextualizar a sua realidade. Ela poderia simplesmente ter falado que a noite estava escura e sem estrelas e que os pássaros amanheceram cantando. Mas, ao dizer *Surgiu a noite. As estrelas estão ocultas* e *Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal*, ela cria outro efeito de imagem sobre o leitor. Dessa forma, a escritora não simplesmente relata o seu cotidiano, ela dá a ele um caráter literário ao fazer uso de uma linguagem de valor estético.

A escrita dos autores românticos, que a inspirava, atua de duas formas sobre Carolina. De um lado, ela exerce uma função de encantamento. A escritora admira o estilo romântico de linguagem. Por outro lado, ela questiona a autenticidade dos fatos relatados. “Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela” (JESUS, 2007, p. 36). A beleza da vida vista pelos olhos do poeta é questionada por Carolina logo na sequência. “Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: ‘Chora criança. A vida é amarga’ (2007, p. 36). Percebe-se que ela não tem uma visão ingênua da literatura romântica. Ela sonha, mas sonha com os pés no chão.

O esforço de Carolina para criar uma linguagem que se aproximasse ao máximo da escrita literária tradicional não foi suficiente para que ela pudesse garantir um lugar na historiografia literária brasileira. Sua obra teria ficado no espaço de um não-lugar. Leticia Pereira de Andrade faz uma relevante e cuidadosa pesquisa sobre o lugar de Carolina na literatura brasileira. Com o título *O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus* (2008), a pesquisadora aborda o livro numa



perspectiva estética através da análise da linguagem, de algumas questões do enredo e da forma narrativa do diário.

Andrade (2008), sem desmerecer o valor das pesquisas de cunho sociológico, antropológico, histórico e etnográfico, entende que analisar *Quarto de Despejo* por um viés artístico é uma forma de reconhecer Carolina como digna de fazer parte do meio literário nacional. Segundo a pesquisadora, a utopia da moradora da favela teria se cumprido, parcialmente, pois conseguiu tornar-se escritora. Mas o reconhecimento literário esperado por ela não se concretizou. A ascensão social que veio pelo sucesso fugaz do livro possibilitou sua saída da favela. Mas, do lado de fora, ela era vista primeiramente como uma favelada que ousou escrever e não como uma escritora.

Ao concluir sua análise sobre a literariedade de *Quarto de Despejo*, Andrade (2008) aponta um “bom lugar” para o livro na literatura. E justifica que não é porque ele representa a escrita feminina e autobiográfica, mas sim por causa do seu valor estético. A relação conflituosa de dois códigos: o “clássico” e o oral teriam resultado em uma escrita “rasurada”. De acordo com a pesquisadora, essa escrita seria o que ela chama de discurso reciclado. Carolina reciclava palavras e discursos para dar sentido à sua vida:

[...] podemos dizer que Carolina Maria de Jesus “mora na literatura”, faz parte da história da “literatura das minorias”, aliás, não existe uma única literatura, esse mito vem sendo desconstruído pelos leitores que lêem textos como *Quarto de Despejo*, uma obra escrita por uma marginalizada, cuja linguagem é capaz de criar envolvimento e beleza, por mais que se afaste do padrão estabelecido por escritores de elite (ANDRADE, 2008, p. 94).

A escrita de Carolina é, sem dúvida, envolvente. A exímia forma pela qual ela recria a realidade é dotada de um toque de beleza que ameniza o sofrimento do seu cotidiano. Mas sem o seu hábito constante de leitura, ela não teria desenvolvido uma voz própria que a permitisse ter tanta intimidade com as palavras. O próprio padrão do estilo romântico que buscava recriar não seria possível se ela não tivesse como referência os textos que lia. Provavelmente, nenhum outro morador da favela poderia relatar o seu cotidiano com tanta desenvoltura comunicativa.

Carolina, assim como sua escrita, ficou em um entre-lugar. Ela não se considerava uma favelada embora morasse na favela. E nem mesmo



os outros moradores da favela a consideravam como um deles. Mas sua escrita *rasurada* e a posição social que ocupava não permitiram seu acesso à elite literária. Meihy, no texto *Carolina Maria de Jesus: o emblema do silêncio*, aponta a crítica literária como principal culpada pelo desmerecimento da obra de Carolina:

[...] a crítica literária no Brasil se ofereceu para ser o algoz mais importante de Carolina. Foi ela quem decretou incertezas na lógica da pobre escritora negra e que colocou todos os defeitos e cobranças que jamais poderiam ser aplicados a uma personagem como foi Carolina Maria de Jesus (MEIHY, 1998, p. 91).

A crítica especializada, na concepção de Meihy (1998), esgota sua análise no aspecto textual e raramente chega ao social. E por falar só para si, acaba extraindo da sua responsabilidade a comunicação com o público em geral. O silêncio público viria complementá-lo. Este, porém, é ainda mais estranho, pois propõe a rejeição coletiva que é sutil, não escrita e pouco expressa. O silêncio da crítica especializada viria avalizar as outras duas formas de silêncio. Silenciar a respeito de um livro pode ser providencial, considerando que a vida pública de um livro pode ser “perigosa”.

Meihy (1998) faz uma divisão entre livros “comportados” e livros “perigosos”. Os primeiros seriam aqueles que não arranham ordem alguma. Os segundos seriam aqueles que sempre propõem mudanças que perturbam a ordem e os poderes estabelecidos. *Quarto de despejo* seria um livro “perigoso”. Talvez isso explique o silêncio em relação a ele nos anos que se seguiram ao seu sucesso. Por trás da crítica que classificou a escrita de Carolina como não-literária, relegando-a ao esquecimento, escondiam-se interesses políticos que temiam o conteúdo social e político da obra. A escrita de Carolina não representava apenas o seu olhar da favela. Ela também representava a sua visão da sociedade como um todo, fazendo avaliações da política, do sistema econômico, das instituições públicas, entre outros.

Considerações

A escrita silenciada pelo poder político, desprezada pelas editoras e subestimada pela crítica literária, jamais deixou de conquistar o público leitor. Seria injusto dizer que a linguagem de Carolina é uma mera reprodução de um estilo literário, pois suas palavras refletem a realidade na



qual ela viveu. A linguagem híbrida da escritora se originava da sua percepção de dois mundos distintos: o mundo da favela (o quarto de despejo) e o mundo da sociedade burguesa (a sala de estar). Ao narrar a sua própria história, ela toma de empréstimo a autoridade do narrador literário. Entretanto, Carolina não mascara ou tenta enfeitar seu contexto social. Sua escrita apresenta um forte traço identitário, revelando sua subjetividade e assim se caracterizando como uma voz autoral autêntica, conforme Alvarez (2006).

Além disso, sua escrita se encaixaria ainda no que Foucault (2009) chamou de *função sujeito*. Diferente da *função autor* que estaria ligada a uma tradição discursiva, a função sujeito deve ser analisada como uma função variável e complexa do discurso. Não importaria quem ou de que posição social se fala. Foucault (2009) defende que todos os discursos, qualquer que fosse o seu estatuto, a sua forma, o seu valor, e qualquer que fosse o tratamento que se lhes desse, desenrolar-se-iam no anonimato do murmúrio. O discurso de Carolina seria uma das milhares de vozes excluídas que comporia esse murmúrio. Sua escrita é a expressão da sua subjetividade. Seu discurso reporta à sua condição de mulher, de negra e de favelada. Mas ao mesmo tempo em que ela fala de si, seu discurso também engloba muitas outras vidas que estão às margens da sociedade. Sua voz é, concomitantemente, individual e coletiva.

Por se caracterizar como discurso não-ficcional, e sim como um relato de vida, a escrita de Carolina reforça ainda mais a função sujeito. Sua tripla função de autora, narradora e personagem, impede que ela se distancie da construção do discurso autobiográfico. Contudo, é importante ressaltar que a escrita de Carolina não tem valor apenas pelo conteúdo que revela, mas, primordialmente, pelo estilo literário moldado pela autora. A despeito dos desvios da norma culta da língua, sua escrita é envolvente e dotada de literariedade. A autenticidade de sua voz autoral, unindo forma e conteúdo, presente na obra *Quarto de Despejo*, continua conquistando leitores dispostos a ouvi-la ainda hoje.

Referências

ALVAREZ, A. **A voz do escritor**. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2006.



ANDRADE, L. P. **O diário como utopia**: *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. 2007. 100f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2008.

BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004. p. ??-??.

FOUCAULT, M. O que é um autor. In: **O que é um autor?** 7. ed. Lisboa: Vega Passagens, 2009. p. 29-87.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2008.

LEVINE, R.; MEIHY, J. C. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MEIHY, J. C. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**. São Paulo, v.37, p. 82-91, 1998. Disponível em:<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>

VOGT, C. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, p. 205-213, 1983.

Recebido: 23/04/2018

Aceito: 02/07/2018

